

Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Patna Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Eugenio de Castro;—*A premiere do Paraiso Perdido*, por René Maizeroy;—*Pelo azul*, soneto, por Antonio Fogaça;—*Constantino, rei dos floristas*, por Pinheiro Chagas;—*Realismo con-*

temporaneo, conto, por Frederico Porto;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O Sebastião*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*A preparação do pão na idade de pedra*;—*Conselheiro Henrique de Macedo*;—*José Bento Ferreira d'Almeida*;—*Massarellos, Porto*;—*A rainha regente e o rei de Hespanha*;—*O architecto F. J. Belincourt da Silva*;—*Cabras d'Africa*.



A PREPARAÇÃO DO PÃO NA EDADE DE PEDRA

CHRONICA

Lisboa!

Na doce paz tranquilla d'ha dois annos, no socegado recanto da minha provincia, Lisboa, a grande e luminosa cidade, apparecia-me chymerica e provocante como um sonho de marmore.

Altas horas da noite, no socego profundo d'uma aldeia adormecida, o meu espirito, preso nas azas consoladoras do sonho, vinha poisar no alto d'esta almejada capital, que se estendia, em baixo, n'um grande esplendor de cupulas faiscentes, de estatuas imponentes, de minaretes arrendados.

E, ao passo que os sonhos iam succedendo, a minha grande admiração por esta cidade, crescia tambem, continuamente.

O Tejo, sulcado de bergantins caprichosos, de caravelas d'oiro, imaginava-o eu como um largo campo de prata cuspidos dos raios fulvos do sol.

Ao largo das ruas bordadas de palacetes extraordinarios, capazes de apagar o brilhantismo das velhas alcaçarias medievas, parecia-me ver desfillar um cortejo delicioso de creaturinhas amoraveis, repoltreadas em bellos coches ou aprumando-se nas preciosas almatrixas dos seus cavallos de raça.

Um encanto.

E por cima de tudo isto, o grande, o altivo sol portuguez, vertendo os seus raios, finos e scintillantes como uma poeirinha d'oiro peneirada n'um tamiz de seda azul celeste.

E, assim, Lisboa, a grande e luminosa cidade, apparecia-me chymerica e provocante como um sonho de marmore.

*

* *

Um dia, sem saber como, achei-me dentro d'ella.

Achei-me em Lisboa, mas illudido, enganado.

A cidade que eu tinha deante de mim, não era a mesma que me apparecêra em sonhos.

Tudo isto é decadente e trivial.

Caras feias, (com excepção das minhas leitoras) homens vulgares, uma paz podre interminavel, e é isto que se chama—Lisboa.

Graças, porém, a Deus louvado, e para compensar um pouco o logro de que fui victima, Lisboa tem, de vez em quando, umas certas estroinices que lhe dão tom á fibra, que lhe ficam a matar.

Tal foi na semana passada.

*

* *

Uma semana de truz!

Hão de ter ouvido fallar n'um escandalosinho parlamentar, não é assim?

Foi uma delicia.

Mas que delicia, santo nome de Jesus!

Os senhores devem já estar informados sobre o que se passou.

Não os incomodarei, portanto, repetindo-lhes o que sabem, talvez melhor do que eu.

Mas, fallando a serio, o que me parece é que esta scena, que tem regalado tanta gentinha boa, é, nem mais

nem menos, um triste symptoma da nossa decadencia.

Lisboa, que ainda tinha uns restos da sua fidalga gentileza, vae-se emporcalhando, cada vez mais.

No casamento da filha do Marcos, essa decadencia mostrou-se abertamente. O incidente da camara dos deputados foi uma confirmação.

Uma bofetada produziu um escandalo.

Lisboa riu.

E em vez de deixarem á vontade o offendido e o offensor para darem mutuamente os respectivos trócos, não senhor, prendem um, agarram no outro, e ahí ficam dois homens n'uma situação melindrosa e difficil, mercê d'esse pernicioso sentimento de conciliação que não se dispensa de deitar algumas pinguinhas d'agua na fervura.

Pessimo systema, na verdade.

Note-se bem que eu detesto os bofetões.

Acho-os extraordinariamente indecorosos e só os admitto d'uma especie: dados por mão feminina.

Assim, sim. Chego até a gostar d'elles, e não se me dava sentir a mãosita encantadora da loira Miss dos meus sonhos roçando-me pela cara.

*

* *

Outro incidente.

Graças a outra bofetada, bateram-se em duello um official do exercito e um deputado.

E apenas se soube tal, não se ouve fallar n'outra cousa.

Vae a gente comprar cigarros, e o caixeiro, ao dar-nos o troco, pergunta-nos curiosamente:

—E o duello?

Anda a gente a tratar dos seus negocios, e de repente atravessa-se deante de nós um amigo, que nos pergunta:

—E o duello?

Emfim, não se dá um passo que não venha um sujeito:

—E o duello?

O peor não é isto. O peor é que, em materia de duellos, o ponto é haver o primeiro: depois é um rozaio d'elles.

Estes dias tenho já ouvido fallar n'uns poucos, que estão para se realisar.

E se isto assim continua, a moda é capaz de pegar e arrisca-se a gente a não dar um passo sem que nos appareça um espadachim gritando:

—A' meia noite, no bosque!

*

* *

Por causa das duvidas, vou matricular-me na sala d'armas do Antonio Martins.

Cuidado com o physico, não ha remedio.

E vossemecês, meus ricos leitores, querem um bom conselho?

—Façam-se esgrimistas.

Não ha nada melhor.

Querem ainda outro conselho?—escolham o florete.

Façam isto, fóra de brincadeira.

Partam do principio de que é indispensavel um bo-cadinho d'esta gymnastica soberba, e lá teem o Martins, um esgrimista de primeira ordem e um rapaz ás direitas.

Vamos, meus ricos amigos:

—En garde!

EUGENIO DE CASTRO.

A PREMIERE DO PARAISO PERDIDO

... Cardonay, sem pronunciar uma palavra, escutára até á ultima phrase essa violenta diatribe contra os comediantes, onde se sentia o rancor, não extincto, o soffrimento ainda pungente de uma d'essas feridas de amor e orgulho, que o tempo não cicatriza como ás outras. Embebido em longinquas recordações, aspirava o odor apimentado de um cravo branco, que caíra do corpete de madame d'Albenive, na occasião em que ella passara, depois de jantar, de uma para a outra sala. E como o interrogassem, o musico replicou com o seu habitual desabrimento:

— Não as amo nem as detesto. Com vezes, durante os ensaios, julguei que enlouquecia, que para sempre me desgostariam da arte as suas mesquinhas intrigas, as suas exigencias e a sua vaidade. Mas a par d'essa conhecida *cabotinage*, se soubessem quantos estranhos temperamentos, quantas almas privilegiadas se me depararam, como essas paredes de diamante que occultavam o paraíso, tocadas pelo silencioso vôo dos archanjos!

Succedia isto, especialmente em relação ás mulheres. Quantas, pelas suas vibrações delicadas, pelos seus impulsos entusiastas, pelo abandono completo do seu ser no personagem que deviam viver, na chimera que queriam crear, esquecendo as fadigas, os desgostos, os soffrimentos da existencia real, dominando-os, por uma noite, e apparecendo radiantes, triumphantes, ganhando a incerta partida que um artista lhes confiara; quantas mereceriam, como a Malibran, a apothose onde resoa este bello verso:

L'art fut ton seul amour et prit ta vie entière

— Uma, que eu adorei, tanto pelas linhas flexiveis e graciosas do seu corpo de estatua, pelos seus grandes olhos meigos, inundados de uma suprema doçura, como pelo seu admiravel talento, pela bondade, quasi infantil, do seu coração, revelou-me o que deve ser o heroismo. N'esse tempo, não nos conheciamos quasi Cecilia Marielle chegara do Sul com um filho e uma especie de Marneffe, que não pensava senão em vendel-a e exploral-a. Miséria! Um alojamento pobre e sem creados. Os insultos, as pancadas, porque a infeliz se negava a abandonar-se ás suggestões do vicio. E foi á porta de uma lavanderia, fatigada, com uma trouxa de roupa debaixo do braço, que eu vi pela primeira vez essa moderna que tem as attitudes e a mascara de uma rainha tragica, parecendo creada para explicar ás multidões Gluck e Wagner — os dois impeccaveis gigantes.

Com uma bella confiança de camarada que não reflecte, que estende immediatamente a mão, respondendo sim, Cecilia accetara o personagem de Eva na symphonia do *Paraizo perdido*, onde tão difficilmente eu tentara exprimir as delicias dos abraços prohibidos, do vasto jardim povoado de visões, de balbuciações amorosas, de instinctivos beijos, passando na eterna mocidade das cousas, e a fuga allucinada dos dois, condemnados a soffrerem, a penarem na inculta gleba, as agonias, os desencantos, as tormentosas nostalgias, ante a terra, devorada pelo sol, ante o desconhecido, cheio de olhares e de vozes.

Juntos, entregara-mo-nos ao trabalho, e ella encarnava pouco a pouco, febrilmente, na nubilidade embryonaria da mulher original, nos seus extasis, nos seus langores. Adivinhava os complexos cambiantes dos recitativos. Transmittia aos outros, contagiosamente, a sua valente energia.

A obra estava prompta, devia subir á scena no fim da semana, quando o filho de Cecilia adoeceu, apresentando os symptomas de uma d'essas mysteriosas enfermidades, contra as quais em vão lutam os medicos. Tossia, definhava-se, esvaecia-se como uma planta privada de luz. O seu pobre *rostinho*, do tamanho da minha mão, revestira-se de um tom lustroso de cera; a creança tinha as tyrannicas exigencias dos fracos, chorava quando sua mãe o acalentava nos braços, cantando para lhe suavisar as dôres.

Era tão pungente a angustia d'essa mãe, pregada á cama do seu filho como nma prisioneira que espera a sua execução, era tão dilacerante o martyrio que absorvia todo o seu espirito, que esqueci o desastre das minhas esperanças, a minha obra mallograda talvez na vespera de uma victoria. E como se Cecilia perscrutasse o intimo do meu coração, e adivinhasse, com um reconhecimento commedido, a piedade que lhe inspirava, repetia-me todos os dias:

— Tranquillise-se, tranquillise-se... Elle me melhorará e eu cantarei.

Na noite da primeira representação, Cecilia appareceu no seu posto, tão pallida no seu vestido de velludo preto, que não parecia a mesma. Toda a sua vida concentrara-se-lhe nas pupillas immoveis; tinha os labios embebidos em carmim.

— Bebê está melhor? perguntei, apertando-lhe nas minhas as mãos geladas.

Ella não teve um estremecimento e, com inflexões de allucinada que obedece a uma suggestão qualquer, murmurou:

— Sim, sim, obrigada, muito melhor, muito melhor...

Levantou-se o panno, Cecilia Marielle cantou maravilhosamente, com gritos de paixão que penetravam no nosso ser como punhais, com loucura sobrehumana, com um não sei que de irreal, de agudo e de perturbador ao mesmo tempo, que resaltava acima das arçadas dos violinos e das estridencias dos metaes. Na sala, as mulheres choravam, os homens palpitavam, agitados na sua occulta sensibilidade; chamaram-a seis vezes, depois do panno descer, com applausos freneticos.

Esperei-a á porta do seu camarim, mais commovido do que poderia dizel-o, desejando beijal-a longamente, exprimir-lhe toda a effusão da minha alma.

Cecilia disse-me com inflexões que faziam mal, na sua apparença e falsa alegria:

— Então, está satisfeito?

Respondi apaixonadamente:

— Nunca fui tão feliz, não esquecerei nunca que lhe devo essa felicidade—e accrescentei, deitando-lhe nos hombros a sua capa de pelles—o seu *coupé* espera-a, apressemo-nos a ir ver bebé, o pobre pequenino deve achar o tempo tão longo, sem a sua mamã!

Então—e se eu vivesse cem annos lembrar-me-hia eternamente do timbre sinistro, funebre e glacial d'essa voz— Cecilia Marielle exclamou:

— E' inutil, o meu filho morreu esta noite... Mas tinha-lhe promettido que cantaria... Cumprí a minha promessa.

E, por ultimo, esmagada pela sua immensa dor, caiu sem sentidos nos meus braços.

Cardonay emmudeceu e, a despeito da sua vontade, enxugou com as costas da mão duas grossas lagrimas que lhe perlavam as palpebras.

— Sim, repetiu, Cecilia Marielle ensinou-me melhor do que Plutarcho e do que as vossas historias epicas, o que deve ser o heroismo! E eis ahi por que, minhas senhoras, eu defendo as actrizes—sempre que pretendam arrojal-as á promiscuidade do mesmo cesto!

RENÉ MAIZEROT.

PELO AZUL

Allucinado sonho de alegrias!
Ter lembranças de ti, como não ha de
A alma que transpira mocidade
Emballada no berço das orgias...

Mãe não viesses nunca, se partias
Tão rapi'o, co'a mesma hilaridade,
Talvez a demandar a immensidade.
Lá onde existe o Sol, a Noite e os Dias...

Bem sabes que o meu peito é sempre firme;
Eu adoro-te, ó sonho, vem sorrir-me,
Preciso de esquecer me da Amargura...

Tens tempo de voar, podes voar
Quando o meu corpo livido baixar
A sombria mudez da sepultura!

Coimbra.

ANTONIO FOGAÇA.

CONSTANTINO, O REI DOS FLORISTAS

Acaba de sair á luz um volume de poesias do sr. Joaquim da Costa Cascaes, livro que eu acolhi com extremo alvoroço

porque tenho pelo talento d'este escriptor tão portuguez, tão sincero, uma velha admiração, e pelo seu character uma estima cada vez mais robusta. Para dizer que me honro de ser seu aluno, basta declarar que fui seu discipulo, e todos os que tiveram por mestre Joaquim da Costa Cascaes ficaram-lhe votando inquebrantavel amizade.

E não era elle um professor condescendente e fraco, era um homem justo, e até severo, pode dizer-se; a amizade paternal, com que tratava os seus discipulos, não o impedia de manter a mais severa imparcialidade. Mas o sentimento da justiça está tão profundamente arraigado no coração do homem, que não ha quem se revolte contra um acto que no intimo da consciencia reconhece que é justo, embora o prejudique.

O meu bom amigo Cascaes tinha tanto a peito a sua reputação de imparcialidade, que, tendo eu em tempo, e a proposito da publicação do seu retrato, contado ao publico a indulgencia com que elle aturára os meus detestaveis desenhos, escreveu-me uma carta extremamente amavel, em que me dizia:

«Esqueceu-lhe notar que, se por falta de geito, as suas plantas topographicas estavam bem longe de ser primores artisticos, foi na parte theorica um dos mais distinctos estudantes do seu curso»

Assim mostrava o meu dignissimo professor que não fôra a amizade com que já então me honrava que o levára a fechar os olhos aos meus attentados contra a justa distribuição das côres, e contra a correcção das curvas, mas o reconhecimento da minha boa vontade manifestada no meu estudo, e no exito dos meus esforços na parte em que a natureza me não oppunha um insuperavel obstaculo.

Mas a que proposito vem isto? E como se liza com estas reflexões o nome de Constantino, o rei dos floristas? De um modo muito simples. O sr. general Cascaes fôra amigo do grande artista portuguez, cujo nome está hoje quasi completamente esquecido. Publica no seu livro uns versos que lhe são dedicados, e uma nota que encerra para a biographia do grande florista especies completamente novas. Antes pois de me occupar do livro de sr. general Cascaes em si mesmo, apresso-me a aproveitar esses elementos para fazer, perante os leitores da *Illustração Portugueza*, uma resurreição completa d'esse vulto hoje quasi olvidado, e que foi comtudo uma gloria nacional, e das mais brilhantes.

Constantino foi biographado por Antonio da Silva Tullio no *Archivo Pittoresco*, onde saio um retrato do glorioso florista. Vivía elle ainda, porém, quando essa biographia se publicou. Depois o *Diccionario Popular*, no seu *Supplemento*, inseriu tambem uma biographia de Constantino; mas este nosso patricio desaparecera tão completamente da scena do mundo nos ultimos annos da sua vida, que o sr. general Cascaes, apesar de ser seu amigo, muito difficilmente conseguiu obter informações acerca do ultimo periodo da sua existencia e da data da sua morte.

«Em procura d'esta data, que tinha por importante, levei mezes. Hoje dou por bem empregado o tempo de espera, com o seguinte documento explicativo. N'este documento avulta, por uma parte, esse não desmentido amor de toda a vida de Constantino á sua terra natal, manifestando o desejo d'ahi ser transportado quando fallecido; e por outra achar-se ainda o seu cadaver no cemiterio de Tercis, depois de já decorridos onze annos, faltando-se assim ao cumprimento da sua ultima vontade. O documento declara o nome do que, herdando de Constantino, deixou comtudo a divida em aberto. Com elle parece pois que não se deve contar. Só hoje a poderia solver o municipio de Moncorvo. Honrar-se-ia chamando a repousar alli um dos primeiros, senão o maior de seus filhos.»

Voltaremos a fallar no documento a que o sr. Cascaes se refere; só o citamos agora para demonstrar como caiu em esquecimento esta gloria tão brilhante. Procuraremos dar-lhe de novo na *Illustração* o logar que lhe compete.

Constantino José Marques de Sampaio e Mello nasceu em Moncorvo a 18 de agosto de 1802. Parece que era filho natural de um membro de uma familia illustre, porque o sr. general Cascaes conta que no Bussaco assim lh'o affiançou uma senhora distinctissima d'essa familia, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Natividade da Costa Cerveira Ornellas de Sampaio e Mello. Inclina-mos em presença d'esse testemunho, mas sempre suppozemos que Constantino José Marques pertencia a uma familia humilde e que, por ser afilhado de algum dos membros da familia Sampaio e Mello, é que tomára esse nome, tendo depois a fraqueza de consentir que em Paris se escrevessem umas *Memorias genealogicas*, em que o faziam quasi de sangue real, explorando-lhe assim a absurda vaidade. Pois um homem, que a opinião publica européa condecorou em Paris com o titulo de *rei dos floristas*, não preferia ser fundador de dynastia a ser obscura vergonte de uma familia tida?

Fosse como fosse, Constantino achou-se orphão, muito cedo, de pai e mãe, e foi educado por umas tias devotas, que o fizeram entrar como noviço no convento de S. Francisco de Moncorvo. Não gostava da carreira o moço Constantino que, apesar de ter sido toda a sua vida propugnador dos principios reaccionarios, adorava a liberdade individual, que lhe permittisse correr livremente pelos campos, vendo as flôres, essas obras primas da nature-

za, e procurando já imital-as. O que lhe agradava no velho convento de Moncorvo era o jardim formosissimo. O liava porém por tal forma o claustro que, tendo-o as suas tias intimado para que professasse no fim do anno de noviciado, fugiu, e fugiu para ir sentar praça em Vizeu no batalhão de caçadores 5. Era por 1820 e andava o paiz revoltado. Silveira levantara o estandarte da contra-revolução, e o batalhão de caçadores 5 foi contra elle. Constantino acertára mal com o batalhão escoluido. Era um batalhão essencialmente liberal, e Constantino, como dissemos, apesar de não querer ser frade, pugnava pela reacção.

Seguiu comtudo a bandeira, e bateu-se bem, a ponto de ser promovido por distincção a cabo de esquadra. Quando o batalhão foi mandado para a ilha Terceira, Constantino acompanhou-o, mas, quando em 1828 esse intrepido batalhão, não querendo reconhecer o governo de D. Miguel, declarou que mantinha com firmeza a sua adhesão á Carta Constitucional e ao throno de D. Maria II, Constantino, aproveitando o licenciamento das praças que não quizessem seguir esse caminho, regressou a Portugal, onde triumphavam as suas idéas. Alistou-se então no batalhão de voluntarios e realistas de Villa-Flôr, e nas suas fileiras fez a campanha toda. Viera juntar-se-lhe uma irmã, que o acompanhou dedicadamente, e que morreu do cholera em Santarem, quando o exercito miguelista, repellido das linhas de Lisboa, alli procurou sustentar-se.

Tão dedicado era Constantino ao principe cuja causa servia, que, sendo apenas alferes porta-bandeira ao tempo da convenção de Evora-Monte, podendo por conseguinte ficar sem desdoiro nem receio na sua patria, quiz seguir D. Miguel, que provavelmente nem o conhecia, e foi um dos fieis que embarcaram com elle em Sines, e que o acompanharam á Italia.

Com o habitual interesse que inspiram sempre aos principes estas dedicações obscuras e até as que o não são, o infante D. Miguel importou-se tanto com a resolução do alferes porta-bandeira do batalhão de voluntarios realistas de Villa-Flôr como se importaria com a resolução contraria. Nem deu por ella. Ao desembarcar em Genova, seguiu cada qual para o seu destino, o infante foi rasgar o compromisso que tomára em Portugal, Constantino foi vender umas joias que tinham pertencido a sua irmã, e que levára consigo, para não morrer á fome.

A proposito d'esta indifferença dos principes, ha uma anedocta de Dumas, que nos parece encantadora. Não resitimos ao gosto de a contar.

Alexandre Dumas tomára por sua conta um theatre, a que chamára *Theatro Historico*, estabelecido na sala Montpensier, e collocado um pouco debaixo da protecção nominal do duque de Montpensier, filho de Luiz Philippe, o que ainda ha poucas semanas tivemos occasião de ver em Lisboa, velho e curvado, a assistir ao baptisado do seu bisneto, o principe da Beira.

Tendo caído os Orléans, e tendo-se retirado para Hespanha o duque de Montpensier, Dumas, que era republicano, mas que era acima de tudo um grande e generoso coração, não quiz que se alugasse o camarote do duque de Montpensier, que ficou fechado, e, sempre que havia uma primeira representação, mandava ao duque de Montpensier o seu bilhete de camarote. O duque de Montpensier nunca lhe respondia.

Um dia, Dumas, conversando com uma pessoa da intimidade do duque de Montpensier, e que vinha de Madrid, perguntou-lhe:

—O duque de Montpensier tem recebido sempre uns bilhetes de camarote que eu lhe mando?

—Tem.

—E que diz elle?

—Diz assim: «Ora este ratão do Dumas!»

—Mais nada?

—Mais nada.

—Pois sinceramente, tornou Dumas, para que Sua Alteza me chame ratão, não vale a pena estar eu todas as noites a perder o aluguel do meu melhor camarote.

E nunca mais lhe mandou o bilhete, e nunca mais o camarote se conservou fechado.

Se alguma das pessoas mais intimas de D. Miguel lhe dissesse:

—Sabe Vossa Magestade que um alferes porta-bandeira do batalhão de voluntarios realistas de Villa Flor abandonou tudo para acompanhar Vossa Magestade ao exilio, e que está ahi a morrer de fome em Genova?

D. Miguel naturalmente respondia:

—Sim? Ora o ratão do homem!

Pois a verdade era essa. Constantino morria de fome. Depois de ter vendido as joias de sua irmã, não sabia já como havia de grangear meios de subsistencia. Passando um dia pelo estabelecimento de Madame Vieillard, a mais celebre florista de Genova, lembrou-se de que aprendera nos Açores a fazer flores de pennas, e offereceu o seu prestimo. Não foi aceite, porque não se apreciavam na Italia as flores de pennas, mas Madame Vieillard, franceza na Italia, sabendo que o supplicante era um emigrado, compadeceu-se d'elle e encarregou-o de preparar as tintas para uma encomenda. Estava salvo da fome o nosso pobre patricio.



HENRIQUE DE MACEDO



JOSÉ BENTO FERREIRA D'ALMEIDA

REALISMO CONTEMPORANEO

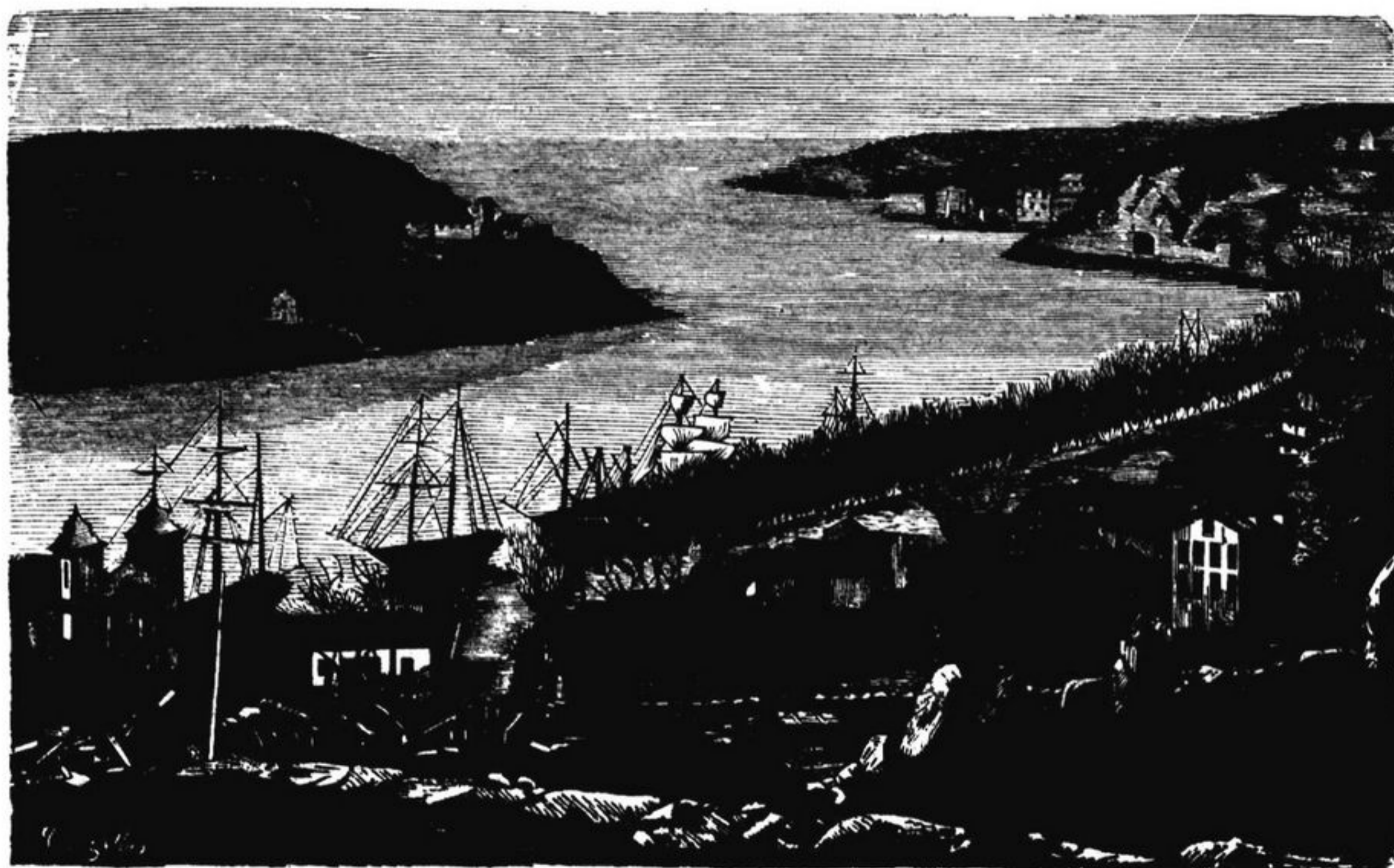
Ao Ex.^{mo} Sr. Baptista Diniz — auctor dos *Perfis Realistas*

Viviam ambos na mesma cidade, o padre Almeida e o pa-
João.

Conheciam-se de vista e complimentavam-se por espirito de classe.

O padre Almeida, desde que sobrevivera a um ataque que o ia fulminando, nunca mais gosara — boa saude — como elle dizia. Incomodava-o aquella nutrição sempre crescente, e fallava muitas vezes, nas conversas intimas com a sua creada Luiza, na proximidade da morte, e prevendo-lhe um futuro triste por elle nada ter que deixar-lhe.

A Luiza, que não pensasse em tal, dizia; seguia com umas phrases d'um agradecimento muito intimo, uma conversação



MASSARELOS—PORTO

acompanhada d'uns gestos e manifestações, que nos abstemos de explicar, mas em que tomavam grande parte os olhos pretos d'uma humidade brilhante, os labios rosados e grossos e os braços roliços, bellos, levemente assombreados d'uma penugem escura.

Era uma mocetona perfeita a Luiza. Viera servir para casa do padre Almeida havia uns dez annos completos, e por tal fórma se havia insinuado no animo de seu amo, que o povo julgou acertado inverter os papeis, e na epocha em que os descrevemos, era ella conhecida por *amã* do sr. padre Almeida.

Nenhum leitor erraria, por certo, em mais d'um anno, ao calcular a idade da Luiza, mas é dever nosso dizer-lhe que tinha vinte e tres annos.

O padre Almeida era de rigorosa pontualidade nos seus affazeres habituaes. Levantava-se invariavelmente á mesma hora, ia dizer missa á igreja do seminario de que elle era o capellão, vinha almoçar, voltava ao seminario, na qualidade de professor, não sei de que cadeira, voltava para jantar, sahia novamente para dar o seu passeio e regressava para continuar no dia immediato a mesma vida e ás mesmas horas.

Eram excepção os domingos, consagrados á sua Luiza. Depois de dizer a sua missa, recolhia, para só sahir na segunda feira.

*
* *

O padre João era empregado no seminario como prefeito; vivia isolado na sua cella, modesto na apparencia e sem pretensões. Acabara o curso no anno anterior e a sua missa nova foi uma festa que deu que fallar muitos dias.

Depois, era um rapaz muito novo, dado aos prazeres proprios da sua idade; mas tão bem se havia com os seus desvarios, que nem uma só vez se ouviu fallar escandalosamente do seu comportamento.

Sabia insinuar-se no espirito dos seus superiores e inferiores, e, não poucas vezes, era elle apontado como modelo na vida ecclesiastica.

*
* *

Um dia, a noticia de que o padre Almeida não vinha á aula do seminario, em consequencia de lhe ter dado outro ataque, chegou aos ouvidos do prefeito.

Na sua qualidade de collega, correu pressuroso a casa do enfermo. Abriu-lhe a porta e recebeu-o na casa de entrada a Luiza.

E esta teve que deixar passar um sorriso atravez das lagrimas que lhe orvalhavam o rosto, ao ver a impressão que havia causado na pessoa do sr. padre João. E, effectivamente, o padre, ao fixar aquelle olhar negro e profundo, os labios de um escarlate vivo sensual e as saliencias arredondadas de uns seios tumidos, de uma alvura advinhada no pequeno decote do casaco branco, sentiu uma impressão tão forte, um desejo tão grande, que os braços, artisticamente crusados em posição beatifica, alongaram-se horisontalmente e os labios exprimiram um—Ah! tão admirativo que occasionou o sorriso gracioso, provocante e até, talvez, promettedor da Luiza.

E se este sorriso promettedor não justifica para os leitores as lagrimas que se lhe desprendiam das pestanas sedosas e longas, é porque não sabem que ellas vinham, não com o sentimento que lhe poderia causar a morte d'elle—mas a miseria em que se veria, a queda immediata e immensa de um bem estar confortavel e bom, para um passadio menos que mediocre, se uma substituição não viesse a tempo evitar esse desastre.

*
* *

—Entre, entre.—E logo á porta da alcova:—Está aqui o sr. padre João, que o vem visitar.—Chegou logo uma cadeira de palhinha para junto do leito, onde o doente, devéras perigoso, sentia fugir-lhe rapidamente a vida, e quasi não conhecia as pessoas que o visitavam.

*
* *

Notaram todos a assiduidade do padre João, a caridade evangelica com que elle lhe ministrava os medicamentos, a dedicação com que elle—com perjuizo para a sua saude—velava constantemente á cabeceira do enfermo, dias e noites, sem uma hora de descanso.

Mas, se alguém estivesse presente, ouviria, ás vezes, por en-

tre a custosa e effagante respiração do doente, o leve murmúrio d'um beijo fugitivo.

No fim de tres dias de incessante padecer, exhalava o ultimo suspiro, nos braços d'alguns amigos e collegas, o padre Almeida.

Ainda, n'esta ultima crise, o padre João se tornou notavel pela magnanimidade do seu proceder. Suppriu todas as faltas, aconselhou convites para o enterro, abonou todas as despesas, emfim, o *non plus ultra* da dedicação e da amisade.

E quando alguém lhe fazia reflexões, aconselhando-lhe descanso, louvando-o no seu procedimento inexcédível de bom amigo, elle—braços crusados no peito e olhar fixo no ceu dizia:—Cumprir com o meu dever, assim o exigia a minha consciencia. Estou satisfeito.

Foi muito concorrida a cerimonia funebre. Havia no cortejo quem sinceramente lamentasse o passamento d'aquelle padre, que, se não havia feito o BEM, não poderia ser arguido de ter praticado o MAL.

*
* *

Findo o enterro, voltou o padre João a casa do fallecido, e mesmo no patamar da escada, onde a Luiza o esperava, gritou:—Até que emfim!—E estreitamente abraçados, entraram no quarto d'onde, ha pouco, havia sahido o corpo do padre Almeida.

E para que os nossos leitores não sintam um calafrio de horror, deixaremos de lhes descrever a scena degradante da profanação d'aquelle leito, ainda quente do cadaver do padre Almeida.

Mezes depois, apparecia exposta á porta d'um club uma creança recém-nascida, que deu entrada no hospicio. Nunca se pode averiguar a sua identidade, mas houve alguém que reparasse, que, na occasião de se effectuar o baptismo do exposto na Sé Cathedral, o padre João tocava uma harmonia no órgão da capella mór.

*
* *

E hoje o publico, que viu o alcance d'aquella dedicação pelo fallecido, ainda se descobre respeitoso e humilde, perante aquelle padre hypocrita e devasso.

Portalegre, 1887.

FREDERICO PORTO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PREPARAÇÃO DO PÃO NA EDADE DE PEDRA

N'aquelles tempos—bons tempos, de certo—preparava-se o pão pela forma que a nossa estampa indica. A amassadura fazia-se em qualquer parte, ao ar livre, sobre uma pedra; e a cozedura, que hoje se faz em fornos, era feita em simples fogueiras.

Não sabemos se o pão assim fabricado sahia saboroso, mas é de crer que sim, porque, no seu fabrico, só eram empregadas mãos femininas.

O CONSELHEIRO HENRIQUE DE MACEDO

Era o ministro da marinha, no actual gabinete, com quem se deu a deploravel scena do dia 7, largamente narrada por todas as folhas noticiosas e politicas do paiz.

Publicando hoje o seu retrato, acompanhal-o-hemos das seguintes ligelras notis biographicas.

O sr. Henrique de Macedo Pereira Continho nasceu em Cantanhede aos 6 de outubro de 1843.

Filiado no partido progressista desde 1865, foi eleito deputado, pela primeira vez, em 1869.

E' lente da Escola Polytechnica, por concurso, desde 1863, quando ainda estudava na Universidade de Coimbra, onde se formou em mathematica e phylosophia em 1864. E' ajudante do Ob-



A RAINHA REGENTE E O REI DE HESPANHA

servatorio da Escola Polytechnica desde 1875, e do Observatorio da Ajuda desde 1878.

Foi nomeado par do reino por carta regia de 7 de janeiro de 1881, e ministro da marinha e do ultramar em fevereiro de 1886.

E' um professor muito distincto e possuidor de uma larga copia de conhecimentos.

O desgraçado incidente occorrido na camara, com o sr. deputado Ferreira de Almeida, obrigou-o a abandonar o ministerio de que fazia parte.

JOSÉ BENTO FERREIRA D'ALMEIDA

José Bento Ferreira d'Almeida é filho do bacharel Manoel Joaquim d'Almeida, cavalheiro residente em Faro, que tem uma larguissima lista de serviços publicos, desde os de vereador em 1858, em que deixou o seu nome ligado a importantes melhoramentos locais, até ao ultimo anno de 1886, em que desempenhou successivamente os logares de vogal e presidente da Junta Geral, da commissão executiva da Junta, Governador Civil substituto e effectivo e deputado ás côrtes nas legislaturas de 1859-1861 e 1879.

O sr. Ferreira de Almeida nasceu a 7 de maio de 1837; cursou os estudos em Lisboa, e tendo sentado praça a 20 de maio de 1867, era promovido a guarda marinha em 2 de outubro de 1869, a tenente em 28 de outubro de 1873 e a primeiro tenente em 2 de dezembro de 1879, tendo, portanto, 20 annos de serviço.

Em 1879 foi nomeado governador de Mossamedes, de que foi exonerado a seu pedido em agosto de 1880; e tendo-se suscitado duvidas sobre a maneira por que fizera executar ou interpretar as leis que tinham abolido a escravatura nos nossos domínios de Africa, fez, perante a Sociedade de Geographia, em novembro do mesmo anno, uma notavel conferencia, que lhe valen não só o applauso de toda a imprensa, sem distincção de côr politica, mas uma portaria de louvor do governo.

Na sua estreia como official de marinha, fazia parte do estado maior da corveta *D. Estephania* em 1869, quando este vaso de guerra desarvorou do gurupez, mastro do traquete e mastareu de gavea, debaixo de intenso temporal, no Mediterraneo, em viagem, para assistir á inauguração do canal de Suez.

N'este mesmo anno, seguindo viagem para Faro em vapor mercante da carreira, abriu este agua, por bater n'uma pedras proximo de Sines, e na sua energia teve o commandante do respectivo vapor um auxiliar poderoso para manter a ordem, quando o vapor, ameaçando submergir-se, fez nascer um panico geral.

As suas commissões de guarda-marinha passaram-se em grande parte a bordo de navios de vela, como a escuna *Napier* e o brigue *Pedro Nunes*, do commando do actual visconde de Paço d'Arcos.

Tendo desembarcado em Loanda com uma força da corveta *Infante D. Henrique*, para segurança da cidade, confiada unicamente á sua guarda, mereceu do governador geral, José Horta, louvor especial, tanto mais notavel, quanto este governador era pouco largo em taes demonstrações; este facto fez com que o governo de Sua Magestade lhe conferisse o habito de Christo; além d'esta insignia, tem a medalha de bons serviços, a de bom comportamento e o gráu de grande official da corôa de Italia.

Proposto pela primeira vez deputado em 1879, perdeu a eleição por 14 votos, com a circumstancia notavel de se fazer a eleição com o maximo socego, n'um circulo de ordinario tumultuoso. Tomou assento na camara pela primeira vez, em 1884, sendo eleito pela minoria do circulo prurinominal de Faro-Loulé, que actualmente representa com uma votação de mais de seis mil votos.

Eis aqui o passado do brioso official de marinha, que o suffragio dos seus comprouvianos honrara mais uma vez, abrindo-lhe as portas do parlamento na corrente legislatura, e que o governo acaba de mandar prender, por causa do deploravel incidente occorrido no final da sessão do dia 7, com o ex-ministro da marinha, sr. Henrique de Macedo, incidente de que todas as folhas diarias se tem occupado.

MASSARELLOS—PORTO

E' muito agradavel o passeio pela margem direita do Douro desde a rua dos Ingleses, na cidade do Porto, até á Foz, Mattosinhos e Leça da Palmeira.

O caminho de ferro americano, para cuja construcção foi demolida uma parte da cidade velha, concorreu para tornar esse passeio cada vez mais apreciavel.

A freguezia de Massarellos, cujo nome a fabrica de fundição de ferro ali estabelecida tem tornado conhecido de todos, encontra-se no percurso.

E' a margem do rio, na area d'essa freguezia, que a nossa estampa de hoje representa.

Dentro de pouco tempo deve ali estar tudo transformado. Na cidade do Porto os melhoramentos succedem-se com uma rapidez incrível. A iniciativa da camara municipal e a dos municipios fazem prodigios. De dia para dia a cidade invicta muda de aspecto.

O viajante, que tem a fortuna de a visitar, pasma de tanta energia e das conquistas que a civilisação ali tem feito.

A RAINHA REGENTE E O REI DE HESPAÑHA

Maria Christina de Hapsbourg Lorraine, a actual rainha regente de Hespanha, de quem hoje damos o retrato, conta 28 annos de idade, um anno menos do que seu fallecido esposo. Tem uns bonitos cabellos loiros, de uma côr suave, que arranja com uma arte consummada; actualmente, a regente penteia-se com a maior simplicidade. Os seus olhos não são pretos, como asseveram alguns jornaes, mas de um azul pallido, semelhante ao cinzento. A sua figura é admiravel, alta, flexivel, com uma soberba linha do pescoço. Os seus pés compridos, as suas mãos esguias, os seus pulsos delicados e redondos, revelam a pureza da sua origem; denuncia-se-lhe a raça nas menores particulares. O seu andar é, ao mesmo tempo, gracioso e imponente; o conjuncto é de uma distincção suprema, de uma graça altiva e encantadora. Este conjuncto fez da regente uma das mulheres mais agradaveis e sobre tudo mais attrahentes que se possam encontrar.

Maria Christina possui uma belleza superior á das estatuas, —uma phisionomia e uma expressão que impressionam, que nunca mais esquecemos; um encanto penetrante, que se exerce em nós, mesmo a despeito da nossa vontade.

Resulta d'esse facto, que a popularidade da rainha se firma dia a dia, de uma maneira notavel.

Todos lhe são gratos pelos esforços que ella emprega para se desempenhar, dignamente, do grave encargo que pesa sobre os seus frageis hombros.

Sejam quaes fôrem os acontecimentos que de futuro se desenrolem em Hespanha, como uma decoração magica, a viuva d'Affonso XII conquistou, desde os primeiros dias, o seu logar na historia, logar que saberá conservar.

Maria Christina possui, de resto, todas as aptidões para transmittir á sua missão e á monarchia uma inesperada solidez.

Ha n'essa joven senhora, n'essa apaixonada de hontem, n'essa inconsolavel viuva de hoje, uma energia, uma firmeza, uma sagacidade e uma profundidade de intelligencia, verdadeiramente extraordinarias.

A regente é uma revelação para todos aquelles que se lhe approximam. Na doçura e na bondade que até hoje se lhe conheciam, occultavam-se a energia, a coragem e uma desenvolvida e variadissima instrucção.

A sua lucida intelligencia, a sua evidente lealdade, a valentia do seu character, commovem e dominam aquelles que a rodeiam

Com o retrato da augusta princeza, damos o de seu filho, o pequenino rei de Hespanha, Affonso XIII, que completa hoje um anno de existencia.

O ARCHITECTO F. J. BETTENCOURT DA SILVA

O notavel architecto de quem hoje damos o retrato, é bastante conhecido no Rio de Janeiro, onde, á custa de inauditos sacrificios, conquistou a honrosa reputação de amigo do povo e amigo da patria.

Nasceu a 8 de maio de 1831, a bordo d'um navio, em que seus paes, Joaquim José Bettencourt da Silva e D. Saturnina do Carmo Bettencourt da Silva, ambos portuguezes, faziam uma viagem.

Estudou as primeiras letras com o professor Francisco Joaquim Nogueira Neves; em 1842, entrou para a aula de latim do padre Agostinho; no anno seguinte matriculou-se na academia

das Bellas Artes, para ouvir as lições do distincto architecto Gram-jean de Montigny, obtendo, no curso de estudos, diversos premios e menções honrosas.

Em 1845, foi cursar as aulas de francez e philosophia do seminario de S. José. Em 1850 entrou no concurso para o logar de architecto da inspecção das obras publicas, e foi o escolhido, exercendo esse cargo até 1858.

N'essa commissão projectou diversas obras, entre as quaes, se distinguem a parte superior da Caixa d'agua do Barro Vermelho, na rua do Conde d'Eu, um chafariz que consta de uma bella columna de granito erguida na praça Municipal, um palacio para o paço da Camara dos deputados e uma armação e divisão dos terrenos do mangue, desde a praça da Acclamação até á rua de S. Christovam.

Em 1853, o sr. conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, então ministro do imperio, encarregou-o de projectar, e dirigir a construção de um cenotaphio para as exequias da rainha de Portugal, D. Maria II, celebradas na capella imperial; de trabalhos semelhantes, nas egrejas do Mosteiro de S. Bento e da ordem 3.^a de S. Francisco de Paula, incumbiram-n'o o consulado portuguez e alguns negociantes portuguezes dedicados ao throno; preparou Bettencourt da Silva, todas essas obras gratuitamente, por ellas teceram-lhe elogios, prometteram-lhe recompensas e premios ao seu zelo, dedicação e talento artistico, mas... só lhe restou a gloria.

Organizada a companhia que se propunha alargar e embelezar a rua do Cano, hoje Sete de Setembro, convidaram-se os artistas residentes no paiz, para apresentarem o modelo das construcções que ali se deveriam fazer, e entre mais de vinte concorrentes, alcançou Bettencourt da Silva a gloria de ser o seu trabalho escolhido e premiado.

Em 18 de março de 1858, foi Bettencourt da Silva nomeado adjunto da Escola Central, onde servio por espaço de mais de 25 annos, sendo afinal jubilado professor da mesma Escola, hoje denominada Polytechnica.

Em 1859, foi escolhido para professor effectivo da aula de architectura da Academia das bellas-artistas, onde ainda serve, e em 27 de junho de 1862 foi nomeado architecto da casa imperial, onde prestou muitos serviços, sempre gratuitamente.

Tendo fallecido o Rei de Napoles, Fernando 2.^o, o governo imperial incumbio o artista do desenho e construção de um catafalco para as exequias celebradas na Capella imperial, e por esse trabalho, elogiado por toda a imprensa, foi-lhe dado o habito da Rosa, offerecendo-lhe os professores do Lyceu a venera cravejada de brilhantes. Foi depois condecorado com o habito e a commenda de Christo, com a commenda e a dignataria da Rosa, e é tambem official de S. Thiago. Em 1871, levantou, por conta do Estado, um mausoleu consagrado á Princeza D. Leopoldina. Esse monumento, erguido no recinto da igreja cathedral, respirava tanta poesia, tinha tão mimosos e delicados ornatos, que encarando-o, dizia-se logo que o architecto era um poeta e que a pessoa cuja morte se pranteava era uma creança.

Em 1872, reparou Bettencourt da Silva um sumptuoso arco de architectura dorica-romana, que a guarda nacional levantou para festejar o regresso das pessoas imperiaes.

Em 1873, foi o author do catafalco que se ostentou na capella imperial nas exequias da duqueza de Bragança; era um momento melancolico, imponente e regio, da ordem corinthia, ao qual o artista imprimiu as aspirações do seu genio e as maravilhas da arte; tudo era bello, bem apropriado e acabado artisticamente, sentindo-se que tão lindo artefacto de fulgor artistico e engenho poetico não ficasse perpetuamente.

O talento de Bettencourt da Silva ensinou-lhe o milagre de congruar a arte classica com o gothico nas pinaculas das torres da igreja do Sacramento, em cuja frontaria imprimiu certo ar de grandeza e magestade que ostenta em suas obras.

Egualmente são primorosos os trabalhos do edificio do collegio de Pedro II; é seu o desenho da escola publica da praça Duque de Caxias, a primeira que o governo mandou construir na capital do imperio; é um bello edificio no estylo do renascimento, no qual o artista patenteou os recursos da sua imaginação e a vastidão dos seus conhecimentos.

São tambem seus os planos da escola da freguezia de Santa Rita e do Instituto dos Cegos.

Deu o plano e dirigiu as obras de diversos edificios da Santa Casa da Misericordia.

É author do deenho das praças do mercado da Saude e da Gloria.

Foi o architecto escolhido para erguer o edificio da Escola normal, e bem assim o do Asylo de caridade da ordem terceira da Conceição, e o do Monte Pio dos servidores do estado.

Hoje, acha-se fiscalisando não só as obras do imponente e elegante edificio denominado—Praça do Commercio, para o qual deu o valioso projecto, como tambem a construção do importante predio destinado ao funcionalismo da Caixa Economica.

Só estas duas obras dariam nome ao architecto que planeou a escada do collegio de Pedro II, se elle não o tivesse já adquirido.

CABRAS D'AFRICA

Appetecivel quadro é este para os amadores de boa caçal Como se sente ciciar aquella ramagem abalada pelos saltos d'estes animaes, que parecem presentir no rumorejar das folhas, no sibillar dos ventos, no perpassar dos passos, o inimigo que os espreita, que os persegue, de espingarda em punho, e que ha de acabar por lançal-os em terra, exangues, mortos.

Não vem para aqui a descripção de uma caçada, tão conhecida dos amadores, e até dos estranhos, pela relação que d'ella fazem, tanto a miudo, os que são dados á paixão venatoria.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

- Na cabana a mulher vegeta—1—3.
Com o dinheiro que tem o rapaz compra-se uma planta—2—1.
—1. O roubo no palacete fel-o um sujeito—2—1.
Ho em Lisboa uma planta que custa dinheiro—1—3.

Ferreira do Alemtejo.

SILVESTRE BAPTISTA.

CHARADA CONIMBRICENSE

- Da primeira horisontal
Dou duas explicações:
—Tanto póde ser ferida
1.^a horisontal Que dé muitas afflicções,
Como tambem lhes affirmo,
Que igualmente póde ser
Um mastruço do Perú,
Que vós podeis conhecer.

- Iremos agora ver
A segunda horisontal,
Pois julgo ser conhecido
2.^a horisontal Por todos um animal.
Consultei o dictionario
Ainda a este respeito,
Achei a palavra «tolo»
Que julgo já ser conceito.

- Instrumento mui antigo
Ha na prima vertical;
E se a tiverdes no bolso,
1.^a vertical Não vos irá muito mal.
Inda aqui posso dizer:
— Se fôr de terra, ha planicie,
E podeis acreditar-me,
Porque não é intrujice.



O ARCHITECTO F. J. BETTENCOURT DA SILVA

2.^a vertical
 Agora vamos andando
 Té á outra vertical,
 E aqui encontraremos
 Um domestico animal.
 E tambem dizem que é jogo,
 P'rá gente se divertir;
 E se não fosse esta idéa,
 Não havia rima em ir.

1.^a diagonal
 De certa planta solanea,
 Queimaremos nós um rôlo;
 Aquelle que isto fizer
 Não pôde passar por tolo.
 Como é prima diagonal
 (Já ficava por dizer)
 Vamos agora a fumar
 Muito a nosso bel'prazer.

2.^a diagonal
 Faz parte d'um animal,
 Caros leitores, avantel...
 Que esta parte da charada
 Decifrareis n'um instantel...
 Finalmente, meus, senhores,
 E' na outra diagonal
 Que embainha os cumprimentos
 Vosso

A. RODRIGUES BRANCAL

CHARADA EM LOSANGO

Inda que seja vogal,
 Póde servir p'ra chamar
 E v'l-a então em S. Carlos?
 Que enthusiasmo ha de achar!
 Mas se um erro commetter,
 Tem de em França respirar
 Outra vogal que ha de ver

ANTONIO R. BRANCAL

CHARADA EM VERSO

Corria a noite, escura e tenebrosa,
 Sibilando ás rajadas o nordeste;
 E a lua, a espaços, como que medrosa,
 Cobria de pallor um monte agreste.

E, n'aquelle ermo tétrico, calado,
 Um vulto ia seguindo, imperceptivel,
 Por ingreme penhasco alcantilado,
 'squecendo os p'rigos d'essa noite horrivel—1

Rugido enorme a tempestade arranca.
 Mas elle, co'uma audacia assim, tamanha,
 Só foi parar n'uma casita branca,
 Sita na meia encosta da montanha—2

Fugira a tempestade. No Levante
 Vinham rajando já fulvos lampejos,
 Quando o echo repetiu no vall' distante.
 Apaixonados, fervorosos beijos.

E aos rubidos clarões do sol nascente,
 Transformando o vergel em resiclér,
 E quando um homem triste vi descer,

Só então percebi bem claramente
 O que um namoro faz soffrer a gente,
 O que se faz por causa da mulher.

Leiria.

M. MONTEIRO JUNIOR.

Problema

Diga-se a uma pessoa que pense em dois numeros, e que divida a differença entre elles pelo producto dos mesmos numeros augmentado de 1; que tire o quociente achado do maior dos numeros, e que triplique o resto obtido. Ella obterá, procedendo d'este modo, um resultado que chamaremos A.

Diga-se-lhe mais que multiplique aquelle quociente pelo maior dos numeros pensados e que este producto, augmentado de 1, seja multiplicado por 2. Seja B o resultado obtido, procedendo d'este segundo modo. Suppondo que se sabe o quociente de A por B, dizer como se pôde conhecer o menor dos numeros pensados.

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS:—

a g a g
 g i g a
 a g r i
 g a i s

Linguado—Tola—Rata.

Do ENIGMA:—Leal.

DA CARTA ENIGMATICA:—Camillo Castello Branco.

Do PROBLEMA DO N.º 4?—Do enunciado conclue-se que cada conviva despendeu 800 réis, e por tanto é 300 réis o valor de cada prato. Deve pois receber 700 réis o que deu 5 pratos, e 100 réis o que deu 3.

A RIR

O professor para o discipulo:

—O que faz o senhor que cada vez sabe menos? Eu, na sua idade, já lia perfeitamente.

O discipulo. E' que o senhor teve, provavelmente, melhor mestre do que eu.

*

O cumulo do laconismo:

Chegar a Lisboa e mandar para a familia o seguinte telegramma.

Ceguei Lis—boa saude.

*

O cumulo da paixão:

Estar apaixonado pelos olhos... do caldo.

*

O cumulo da gloria para um cabelleireiro.

Pentear uma cabeça... de comarca.

*

O cumulo da gloria para um marceneiro.

Aplinar as taboas... da lei.

Dois cegos conversam á esquina d'uma rua.
—Conheces este sujeito que te deu um tostão? Pergunta um d'elles.
—Conheço-o, mas de vista, responde o outro.

Entre amigas:
—Disseram-me que vaes casar-te, Luiza. Aposto que o noivo é o teu primo Alfredo?
—Pois enganas-te. Gesto muito d'elle para consentir em que seja meu marido.

UM CONSELHO POR SEMANA

TINTA D'ANILINA PARA MARCAR ROUPA

Chloreto de cobre crystallizado.....	8,21	grammas
Chloreto de sodio.....	10,63	"
Chlorydrato d'ammonia*o.....	51,35	"
Agua.....	60	"

O SEBASTIÃO

O Sebastião passava vida alegre e descuidosa na aldeia, brincando com os rapazes da sua idade, indo buscar agua á fonte e lenha ao matto, o que não admirava, porque elle era robusto e tinha já quatorze annos.

Santo viver aquelle! Pela manhã erguia-se da esteira, onde dormia com tres irmãos mais novos, n'um «péle-méle» delicioso e paradisiaco, e principiava, inteiramente despido, a fazer diabruras que muito divertiam os pequenos. Outras vezes era uma lucta tremenda entre todos, observada philosophicamente por uma burra, cuja mangedeira ficava a um canto do vasto compartimento, como é uso em algumas terras pobres.

Quem despedia mais socos e pontapés, era o Sebastião, como o mais forte dos quatro; mas era um pouco pesado por ser gordito demais para a idade, e os outros, de pé leve e subtil, ora lhe estavam adiante, ora na retaguarda, ora se lhe enfiavam como enguias atravez das pernas, e arrumavam-lhe na «torre da malicia», como elles pittorescamente diziam alludindo á cabeça, com o travesseiro e com as almofadas.

Quando alguma almofada, descrevendo no ar uma curva gigantesca, ia bater sobre a cabeça da pacifica jumenta, explosia um côro de gargalhadas. E quando o pae, indignado, gritava com a sua voz de barytono, do fundo do seu quarto de dormir, dividido apenas por um biombo de esteira, d'aquelle onde estavam os rapazes:

—Esperem vocês, que eu já lá vou!

Tudo serenava como as vagas do mar, quando o piloto, desesperado, lhes deita em cima azeite; mas tambem como o mar, dissolvido o azeite, se embravece com mais furia, assim, perdido no espaço o echo da voz paterna, voltava a reacção e a cacholeta.

O pae, sensato como todo o camponeo que se presa, longe de se irritar, dizia para a mulher:

—Os rapazes tem azougue! Saem a mim.

Ao que ella respondia, invariavelmente:

—Ora, quem ha de gavar a noiva, senão o ladrão da sogral

E principiavam a conversar muito desvanecidos ácerca dos caros penhores, que continuavam a esfrangalhar a roupa da cama.

O Antonio das rezas, abogão de um brasileiro rico, residente em Lisboa, tinha além d'aquelles quatro pimpolhos, mais um de berço, e tinha ainda um filho de dezoito annos, estabelecido com estanco de tabacos e cautelas n'uma escada da Baixa.

Não havia escho'a na aldeia, que era demasiado pobre, mas o cura, por caridade evangelica, cumpria com essa obra de misericordia — ensinar os ignorantes; e com tal amor, que conseguiu pôr a lér por cima o Sebastião e outros da mesma força.

N'estas alturas, scismava o pae no destino que lhe havia dar, um pouco mais risonho do que o de trabalhador de enxada; quando recebeu, de Lisboa, um carta do filho mais velho, requi-

sitando o irmão para a sua companhia, porque o negocio se ia alargando, e, se havia metter um caixeiro, melhor era admittir o irmão, o que saia mais barato.

Foi um grande alvoroço em casa, na freguezia e na roda dos amigos.

O Sebastião hesitava entre dois desejos—o de ver Lisboa e o de não abandonar a aldeia. O pae decidiu-o, dizendo-lhe:

—O rapaz! Se te não deres bem, volta.

Tinha o Sebastião uma tez branca e fina como uma rapariga, o que se tornava extraordinario, andando elle exposto á intemperie. O cabelo preto e o fato de saragoça, contribuiam para o tornar ainda mais pallido. Era de pequena estatura e atarracado; os olhos inexpressivos. O typo do tendeiro em embrião.

Com um sacco de roupa, a benção da mãe, um discurso do pae e tres beijos dos irmãos que se dependuraram n'elle, a chorar, veio o nosso heroe para a capital, sem uma de X na algi-beira.

Foi o irmão esperal-o a Santa Apollonia, e trouxe-o para a casa d'hospedes onde morava, na travessa da Palha. Vivia o pequeno negociante n'um quarto alugado, e n'elle se accommodou com o irmão, dormindo ambos no mesmo leito, para continuar a pagar o mesmo preço do aluguer.

Saiam ás 7 horas da manhã e recolhiam ás 10 da noite. A' saída, almoçavam, n'um botequim, o classico café com leite e o pãozinho de vintem com manteiga. A's 2 horas, ia o Sebastião buscar, a uma casa particular, um jantar de 200 réis para dois. E á noite, abancavam n'uma taberna com gabinetes, e devoravam canôas, pescadinhas e alface.

O Sebastião era muito guloso e muito golutão. O outro era exactamente o contrario; o que se chama um alfenim. Alto e delgado, comia pouco e imposturava muito. Era janota. O Sebastião, ao pé d'elle, pelo broeiro do aspecto e pela nenhuma semelhança, excepto nos olhos, parecia seu criado.

Nunca se atiravam a mais de duas pescadinhas fritas, uma para cada um. Debalde o Sebastião supplicava ao irmão que mandasse vir outra.

—Queres ainda engordar mais? — retrucava o negociante.— Que é para estares todo o santissimo dia a dormir na loja?

E como os olhos inexpressivos do Sebastião se arrasassem d'agua, o irmão accrescentava com bom modo:

—Não chores por causa d'isso, homem! Parece que chegaste agora da terra!

E mandava vir outra pescadinha, só para o Sebastião, que era devorada sofregamente. Então, as suas bochechas brancas e mimosas assumiam uma tal expressão de felicidade, que fazia sorrir o negociante.

*

* *

Do cerebro do pequeno não se afastava a imagem bojuda do taberneiro, percorrendo, como um general experimentado, o estabelecimento.

—Que bons petiscos não deve elle saborear? — pensava com os seus botões o pobre Sebastião. E á força de matutar, achou a sua vocação — ser taberneiro!

E communicou a idéa ao irmão, que se zangou seriamente, a ponto de o querer reenviar para a terra. Mas o rapaz conhecia a ternura do irmão por elle, e disse-lhe com a sua malicia aldeã:

—Se queres bater-me, bate-me, mas hasde fazer-me a vontade. Pede ao taberneiro para eu entrar como marçano.

O irmão indignado:

—Eu pedir semelhante cousa! Isso nunca tu has de vér!

O Sebastião, fingindo uma grande resolução e um grande desespero, disse:

—Então, quando fôr buscar o jantar, vou-me deitar ao mar.

O negociante d'escada, que era um simplorio no meio de toda a sua basofia, tomou a serio o pequeno, cuja somma respeitavel de malicia ainda não conhecia, e desatou a abraçal-o, devorando-o com beijos e promettendo-lhe fallar ao taberneiro.

A' noite, chamou de parte o taberneiro e disse-lhe:

—Não sabe? Este rapaz está com a mania de seguir a carreira de vocemecô, e quer entrar para cá, como seu marçano.

O taberneiro era um gallego já domesticado por cincoenta annos de expatriação. Sentiu-se lisongeadado pela vocação do rapaz e exclamou:

—Ai o raio do pequeno!

Mas, homem pratico, foi fazendo sempre a seguinte observação:

—Eu posso admittir-o, mas é para não ganhar nada, porque não preciso de marçano.

O irmão do Sebastião olhou para elle, como quem dizia:

—Vés? Eis aqui a boia vida que tu escolheste.

Mas o outro, que tinha a idéa fixa na comezaina, respondeu u logo:

— Isso não importa.

— Então fique, — atalhou o taberneiro.
E ficou.

No dia seguinte o Sebastião, em mangas de camiza, bem arregaçadas, com os seus braços brancos e roliços á mostra, trabalhava como um burro e comia como um leão.

Por delicadeza, o irmão não voltou a ceiar na taberna. O Sebastião, de dia para dia, ganhava em corpo e desembaraço. Em seis annos poz-se forte como um turco e ladino como uma legião de taberneiros. Todas as noites, traçava o vinho que se devia vender no dia seguinte, e com tal arte o fazia, que o vinho, pelo seu paladar e força alcoolica, tinha adquirido fama.

O patrão estava encantado com elle e dava-lhe um bom ordenado, juntamente com uma amizade sincera. O taberneiro era solteiro, sem parentes.

O Sebastião era senhor absoluto dentro da taberna; somente n'uma pipa velha, que estava no quarto do patrão, á laia de banca de cabeceira, não lhe fôra permitido mexer. Quando falava n'isso, o patrão mudava de conversa. Este mysterio trazia-o intrigado. Era o unico ponto negro n'aquelle paraizo de pescadinhas fritas.

— Cada a circumstancia que me apontou, parece-me prudente tomar as suas disposições, o que não quer dizer em absoluto que não melhora.

O taberneiro, com voz tremula, respondeu:

— Obrigado, senhor doutor, obrigado!

E quando o homem de sciencia voltou as costas, mandou chamar o tabellião, com o qual se fechou.

A doença foi breve. O excellente homem morreu, legando tudo o que possuia ao Sebastião, que assim se viu, na flôr da juventude, dono de um armazem importante e encarregado na vida commercial.

Apenas aplacada a balburdia infernal que aquelle facto notavel provocou na numerosa colonia gallega, e assim que se encontrou a sós, o seu primeiro cuidado foi devassar o segredo da pipa velha, que ha seis annos era o seu pesadelo. Armou-se pois de um valente martello e de um escopro e foi-se á pipa. Com tal ancia puxou a primeira pancada, que o primeiro arco saltou ao tecto; secundou outra e outra. Tendo mettido o tampo dentro, debruçou-se para examinar o conteúdo, e o seu assombro não teve limites, quando verificou que estava cheia até ao meio, de ve hos livros de escripturação, maços de recibos, facturas, etc., tudo isto



CABRAS D'AFRICA

Um bello dia adoeceu o velho, doença mortal, como succede com individuos que nunca tiveram sequer uma dor de cabeça.

O taberneiro dormia ao fundo do armazem, n'um quarto abrindo uma janella para um pateo, e o caixeiro dormia n'outro quarto vis-à-vis. O medico, chamado a toda a pressa, declarou que a primeira cousa a fazer, era removel-o para o hospital. O taberneiro recusou formalmente.

— Tenho aqui gosado sempre saude. Já vê que não é do armazem a causa da doença. Se isto é mortal, escuso de sair d'aqui e pedia-lhe que me desenganasse, porque quero fazer o meu testamento. Sou solteiro e não tenho ninguem.

O doutor insistiu com as palavras vagas de todos os medicos — que não se responsabilisava pelo resultado do tratamento feito n'aquelle local, etc.

O taberneiro tomou-lhe a mão e disse-lhe, fitando-o profundamente:

— Sou homem e tenho a coragem precisa para saber se morro d'esta ou não. Se o sr. doutor não me declarar a verdade sobre o meu estado, pode causar a desgraça d'esse rapaz que ahí está dentro ao balcão.

O doutor imaginou que o Sebastião fosse talvez filho natural do taberneiro, com o qual se parecia bastante, e respondeu sem hesitar.

servindo de cama a uma bella duzia de saccos cheios de libras, no valor de alguns contos de réis.

Sobre um dos saccos havia um bilhetê com a lettra do patrão, que dizia: «Sebastião. — E' isto uma surpresa que te quiz fazer»

O Sebastião é hoje um proprietario e negociante riquissimo. Muitos populares, quando passam em frente dos predios d'elle, exclamam:

— Ainda não ha muitos annos que o vi a vender postas de pescada!

De uma vez ouviu o Sebastião um d'estes commentarios e retrucou em voz alta e com fiura:

— O que prova que, antes vendel-as do que arrotar a alla...

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração — Travessa da Quelmada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica